

# A presença da história no pensamento de Celso Furtado

Rosângela de Lima Vieira

**Como citar:** VIEIRA, R. L. A presença da história no pensamento de Celso Furtado. *In:* CORSI, F. L.; CAMARGO, J. M. (org.) **Celso Furtado: os desafios do desenvolvimento**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 41-52. DOI <https://doi.org/10.36311/2010.978-85-7983-064-8.p41-52>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## A PRESENÇA DA HISTÓRIA NO PENSAMENTO DE CELSO FURTADO<sup>1</sup>

*Rosângela de Lima Vieira<sup>2</sup>*

Pensar a historiografia é indispensável como o próprio conhecimento histórico em si. Se conhecer as raízes do presente permite entendê-lo melhor, distinguir o processo de produção do conhecimento sobre o passado é tão importante quanto a compreensão do passado. A historiografia revela como o passado foi pensado, sob que teorias foi visto, a quais perguntas respondeu, quais respostas são válidas e quais ainda devem ser buscadas. O panorama historiográfico permite balizar o processo da produção do conhecimento histórico. Em síntese, a historiografia constitui-se num caminho para explicitar o processo de produção do conhecimento histórico e para propor avanços nesta produção.

Entretanto, os estudos historiográficos não têm sido uma prioridade entre historiadores brasileiros; apenas alguns trabalhos acabam fazendo um balanço de caráter mais geral. Basta observar as raras publicações deste campo e o número de eventos acadêmicos em que o tema é contemplado. Qualquer ciência, ou área do conhecimento, só pode progredir na medida em que reconhece seus avanços e suas lacunas. Assim a historiografia brasileira ainda se apresenta como sendo um vasto campo inexplorado de pesquisa. Nele se inclui a obra de Celso Furtado.

---

<sup>1</sup> Texto apresentado na X Jornada de Ciências Sociais da FFC/Unesp-campus de Marília em novembro de 2006, “Jornada de Estudos Celso Furtado”.

<sup>2</sup> Doutora em história, professora da FFC/Unesp-campus de Marília.

O presente texto, pela circunstância em que foi produzido, não apresenta uma pesquisa historiográfica da obra completa de Celso Furtado (1920-2004). É apenas um estudo introdutório utilizando elementos da análise historiográfica para uma leitura específica do autor, como contribuição a uma Mesa sobre os aspectos multidisciplinares de sua obra.

O repertório de um historiador exige dele que o estudo de uma obra, do ponto de vista historiográfico, se pautar no exame das fontes utilizadas, dos métodos e instrumentos de análise, da concepção de história e de tempo histórico como subsídios indispensáveis na compreensão dos aspectos internos da obra.

Deve-se esclarecer que se pretende aqui um levantamento das características historiográficas de Celso Furtado. Embora o conjunto de sua extensa obra<sup>3</sup> tenha sido amplamente analisado<sup>4</sup>, os aspectos historiográficos foram pouco discutidos. Os estudos realizados focaram prioritariamente as contribuições do autor na construção dos conceitos de desenvolvimento e subdesenvolvimento, e não nos aspectos constitutivos da própria obra.

Celso Furtado, usualmente classificado como economista, transcende essa categorização disciplinar. Alguns estudiosos o consideram também o fundador de nossa historiografia econômica; outros, um pensador influente em todo o conjunto das Ciências Sociais. Na verdade, sua vasta obra reflete uma postura interdisciplinar. Ainda se deve recordar que além de estudioso do Brasil, Furtado foi homem público, político no melhor conceito do termo, empreendendo inúmeras tentativas de aplicar o que punha nos livros.

O ideal de Celso Furtado foi explicitado por ele mesmo:

[...] o trabalho intelectual a que me dediquei durante toda a vida teve como ponto de partida o desejo, que cedo me empolgou, de conhecer as razões de nosso atraso no processo de industrialização que marca a história contemporânea do final do século XVIII. Havendo apreendido a importância do impacto da Revolução Industrial na divisão internacional do trabalho, compreendi sem tardança a natureza do fenômeno do subdesenvolvimento, o que me permitiu montar o quadro conceitual dentro do qual construiria o essencial de meu trabalho teórico. Daí a visão global

<sup>3</sup> O conjunto da obra de Celso Furtado é constituído de mais de 30 livros.

<sup>4</sup> Uma análise global do conjunto da obra de Celso Furtado está em Szmrecsáyi, 2001.

em que se incluem desenvolvimento e subdesenvolvimento como dimensões de um mesmo processo histórico, e a idéia de dependência como ingrediente desse processo. (FURTADO, 1992, p. 73).

Assim, compreender o subdesenvolvimento brasileiro apresenta-se como o desafio intelectual e pessoal de Furtado. As bases teóricas para alcançar esse objetivo encontram-se em *O capitalismo global*, no capítulo “A longa marcha da utopia”. Nele o autor faz um comentário sobre sua formação intelectual.

Fui inicialmente seduzido pelo positivismo, a idéia de que a ciência fornece o conhecimento em sua forma mais nobre. Não era o comtismo primário, mas a confiança na ciência experimental como meio de descobrir os segredos da natureza.

Em seguida manifesta-se a influência de Marx por intermédio de Karl Mannheim, o homem da sociologia do conhecimento, que colocou o saber científico em um contexto social. Esse ponto de partida de meu interesse pela História como objeto de estudo.

A terceira corrente de pensamento que me influenciou foi a sociologia norte-americana por intermédio de Gilberto Freyre. Casa-grande e senzala revelou-me a dimensão cultural do processo histórico. O contato com a sociologia norte-americana corrigiu os excessos de meu historicismo.

Considero relevante que minha descoberta do marxismo se haja dado por intermédio da sociologia do conhecimento. Quando li *O capital*, no curso de marxismo que fiz logo depois da guerra no Instituto de Ciência Política, em Paris, já sabia suficiente macroeconomia moderna para não me seduzir pelo determinismo econômico que tinha explicação para tudo à custa de simplificar o mundo. (FURTADO, 2001, p. 9-10).

É um percurso intelectual heterogêneo ao qual se deve obrigatoriamente acrescentar a influência direta também de Raúl Prebisch – a partir da CEPAL<sup>5</sup> –, para quem o mesmo sistema de relações internacionais que produz o desenvolvimento causa também o subdesenvolvimento. Trata-se da relação “centro-periferia”, cujas flutuações

---

<sup>5</sup> A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – CEPAL – foi criada em 1948 pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas com o objetivo de incentivar a cooperação econômica entre os seus membros. Ela é uma das cinco comissões econômicas da ONU e possui 43 estados e oito territórios não independentes como membros. Além dos países da América Latina e Caribe fazem parte da CEPAL: o Canadá, França, Países Baixos, Portugal, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos da América. Celso Furtado participou dos quadros da CEPAL desde a sua instalação no Chile, em 1949.

cíclicas levam a periferia ao subdesenvolvimento. O próprio Furtado apresenta essa teoria:

Em uma apresentação sintética de seus trabalhos teóricos, Raúl Prebisch referiu-se à idéia de um ‘sistema de relações econômicas internacionais’, que denominou ‘centro-periferia’, como sendo um subproduto de suas reflexões em torno das flutuações cíclicas que ocorrem na esfera internacional. (FURTADO, 1992, p. 61).

O pensamento de Prebisch tornou-se um elemento constitutivo da CEPAL e do próprio Furtado.

Identificado o perfil intelectual do autor Celso Furtado, pode-se prosseguir com a análise da obra. A intenção aqui se limita a investigar aspectos historiográficos da obra *Formação econômica do Brasil* de 1959. Neste livro, Furtado apresenta um estudo original sobre o processo histórico de constituição da economia brasileira. Segundo ele mesmo na introdução do livro, sua pretensão é “tão-somente um esboço do processo histórico de formação da economia brasileira.” (FURTADO, 1997, p. 1). Foi escrito na virada da década de 50, no calor do desenvolvimentismo e das lutas sociais que culminariam com a campanha pelas reformas de base. Nele o autor indica as raízes históricas de nosso subdesenvolvimento e expõe os obstáculos que bloqueavam o desenvolvimento da economia nacional. As teses apresentadas tornaram-se referências obrigatórias nos debates sobre a história econômica brasileira.

Sobre esse livro o professor Tamás Szmrecsányi afirma: “trata-se de um clássico no sentido literal da palavra, de uma obra pioneira e referencial da nossa historiografia econômica.” (SZMRECSÁNYI, 1999, p. 207).

Para Ricardo Bielschowsky o livro *Formação econômica do Brasil*:

Continua sendo, 30 anos após seu lançamento<sup>6</sup>, a mais famosa e divulgada obra da literatura econômica brasileira, editada em nada menos que dez idiomas e um quarto de milhão de exemplares. [quando de seu lançamento] foi imediatamente identificado como um marco na historiografia brasileira, exercendo marcante influência sobre a intelectualidade das ciências sociais do país. (BIELSCHOWSKY, 1989, p. 38).

---

<sup>6</sup> Agora já são quase cinquenta anos desde o seu lançamento e a 32.ed. do livro, de 2003, encontra-se esgotada.

E mais, diante do contexto intelectual da época o livro apresenta outra “importante dimensão, a de haver sido instrumento da militância intelectual de Furtado no sentido da consolidação da consciência desenvolvimentista brasileira, que estava requerendo uma argumentação histórica.” (BIELSCHOWSKY, 1989, p. 38-39). E foi exatamente isso que Furtado fez no livro aqui em exame: deu respaldo histórico à tese do subdesenvolvimentismo como a outra face do desenvolvimento capitalista.

Em nossa leitura historiográfica, o livro *Formação econômica do Brasil* apresenta inicialmente um obstáculo para a análise das referências e fontes. Ele contém apenas os índices: onomástico e analítico. A bibliografia e as fontes devem ser observadas nas notas de rodapé. Dos autores, pouquíssimos são brasileiros ou portugueses, são apenas sete; destes, Roberto Simonsen é o mais citado: 11 vezes. Documentos também são somente sete, todos em citações indiretas. O próprio autor justifica a ausência da bibliografia e das fontes:

Omite-se quase totalmente a bibliografia histórica brasileira, pois escapa ao campo específico do presente estudo, que é simplesmente a análise dos processos econômicos e não reconstituição dos eventos históricos que estão por trás desses processos. (FURTADO, 1997, p. 2).

Como então investigar a bibliografia e as fontes? O professor Tamás Szmrecsányi respondeu exatamente a esta questão.

Com vistas a procurar suprir tais lacunas, pode-se lançar mão das obras anteriores do próprio autor, procurando identificar por intermédio delas as fontes de dados e de informação que deixaram de ser mencionadas, bem como a bibliografia por ele realmente utilizada. Adotando este procedimento, levantei e analisei não apenas os trabalhos publicados por Celso Furtado antes da *Formação econômica do Brasil*, mas também a sua tese de doutorado [...]. (SZMRECSÁNYI, 1999, p. 208).

Segundo Szmrecsányi, destacam-se na bibliografia furtadiana: Capistrano de Abreu, Caio Prado Jr., Louis Couty, J. F. Normano, René Courtin, Herman Watz, Roberto Simonsen, Gilberto Freyre e Keynes. Este aspecto será retomado mais à frente.

Outra característica desta obra de Celso Furtado salta aos olhos: a interdisciplinaridade, que reflete sua formação de bacharel em Direito e

doutor em Economia pela Sorbonne. A história, segundo ele, foi um interesse despertado pela sociologia. Este conjunto de áreas do conhecimento revela que seus estudos utilizam a história como um instrumento de análise, mas não são, a rigor, obras de história. Especificamente em *Formação econômica do Brasil*, ele utiliza esse conhecimento para demonstrar que o processo histórico brasileiro conduziu o país à condição de subdesenvolvimento; aponta os maiores entraves e justifica a necessidade de superação desta condição, com o rompimento desse modelo que se perpetuou até então.

A compreensão do uso que Furtado faz do conhecimento histórico como argumento para justificar suas propostas explica, em certa medida, a ausência de fontes primárias e bibliografia mais específica em seu estudo. Furtado não é um historiador, não em *stricto sensu*. Aliás, ele mesmo alertou, na apresentação deste livro – como já vimos – que não faria a “reconstituição dos eventos históricos” (FURTADO, 1997, p. 2). Entretanto, devido à intensa utilização de argumentos históricos em suas obras, ele é identificado muitas vezes como “historiador econômico”.

Outra característica constitutiva do livro *Formação econômica do Brasil* é a presença constante do método comparativo. Suas análises decorrem de comparações entre as várias regiões brasileiras e do Brasil com outros países, ao longo da história. Isto lhe permite ilações a partir dos dados históricos e não necessariamente de teorias. Celso Furtado buscou sua argumentação basicamente no conhecimento histórico. Desde as páginas iniciais, ele utiliza o método comparativo. Apresenta, por exemplo, as diferenças desde o princípio do processo de colonização nas Américas espanhola e portuguesa – sobretudo no que se refere ao encontro de metais preciosos – como determinantes no processo histórico de cada uma destas regiões. Ao longo de todo o livro as comparações reaparecem constantemente.

Também se apresenta recorrente e plenamente aceita entre os estudiosos de Furtado a categorização de sua obra como sendo histórico-estrutural. Segundo Ricardo Bielschowsky (1989, p. 40), o livro em questão é: “muito mais um ensaio de interpretação histórico-analítica de orientação estruturalista do que uma pesquisa histórica em profundidade”, o que corrobora nossa interpretação de que Celso Furtado, nesse caso, faz um uso instrumental da história. Bielschowsky destaca ainda que:

Para entender o significado da inovação analítica que a obra continha, é necessário ter em conta que, no início dos anos 50, a referida abordagem apresentava-se ainda duplamente vulnerável: em primeiro lugar, o quadro analítico estruturalista encontrava-se imperfeitamente delineado e a argumentação pecava por certa assistemática, o que tornava a proposta cepalina de análise alternativa às teorias convencionais difícil de ser compreendida e aceita, e, em segundo, era indispensável a essa proposta a demonstração de que a evolução histórica dos países que em meados do século XX continuam subdesenvolvidos era, necessariamente, distinta daquela dos países desenvolvidos. Apenas assim se podia legitimar a idéia de que suas estruturas econômicas e a problemática de sua transformação eram também distintas, a ponto de exigir uma criteriosa adaptação da teoria corrente e mesmo um esforço próprio de teorização. (BIELSCHOWSKY, 1989, p. 39).

Diante da necessidade de compreender a característica estruturalista de Celso Furtado, buscam-se elementos na obra *História do Estruturalismo* de François Dosse. Segundo esse autor, há um estruturalismo de “nível intermediário”, um modelo próprio dos economistas dos anos 50 que aderiram ao estruturalismo e que se caracteriza por permanecer entre a realidade concreta e a estrutura. Em outras palavras, a estrutura, enquanto modelo conceitual, em conexão com a realidade histórica engendra uma estrutura, não mais conceitual, mas historicamente constituída. Trata-se então de um estruturalismo histórico. E Dosse conclui:

É, portanto, sobretudo nesse nível intermediário, o da modelização, que os economistas dos anos 50 participam do paradigma estruturalista, mais do que quando invocam uma realidade de estrutura, que não é outra coisa, essencialmente, senão uma maneira de descrever permanências. (DOSSE, 1993, p. 200).

Eis aí uma chave para se entender o processo de produção da obra de Celso Furtado: um estruturalismo intermediário cujas estruturas são vistas como permanências históricas. É um estruturalismo diferenciado pela contextualização histórica. Encontra-se, assim, o papel da história na obra de Furtado: ela contribui para a compreensão do processo de continuidade da condição de subdesenvolvimento do Brasil.

Aqui se impõe uma questão: qual sua concepção de História? Ela não é reacionária ou conservadora, porque Furtado propõe uma ruptura com as formas arcaicas de utilização de recursos como terra e mão-de-



obra, por exemplo. Também não se pode dizer que seja progressista ou revolucionária, porque ele não questiona o capitalismo em si e não se refere aos movimentos sociais como sujeitos na história. Sua análise histórico-estrutural objetiva explicar o subdesenvolvimento e propor um programa desenvolvimentista. São mudanças que visam à ampliação do mercado interno.

Além disso, observa-se que do ponto-de-vista social Furtado acaba apresentando uma posição, algumas vezes, conservadora em virtude da própria bibliografia adotada. Um exemplo é a análise da relação da escravidão/abolição e o atraso econômico do Brasil. Para ele, as dificuldades de desenvolvimento ocorrem pela condição passiva dos escravos libertos e pela sua condição pessoal frente à nova realidade.

Cabe tão-somente lembrar que o reduzido desenvolvimento mental da população submetida à escravidão provocará a segregação parcial desta após a abolição, retardando sua assimilação e entorpecendo o desenvolvimento econômico do país. Por toda a primeira metade do século XX, a grande massa dos descendentes da antiga população escrava continuará vivendo dentro de seu limitado sistema de ‘necessidades’, cabendo-lhe um papel puramente passivo nas transformações econômicas do país. (FURTADO, 1997, p. 140-141).

Nesse caso, Furtado desconsidera outros fatores, sobretudo as estruturas sociais e culturais, que contribuíram para a não incorporação dos ex-escravos ao mercado e à condição de cidadania. Está nítida a presença, nesta passagem, do ideário de Gilberto Freyre no pensamento furtadiano.

Por outro lado, ao buscar as permanências históricas como elementos estruturais para explicar a realidade vivida, Furtado apresenta uma concepção de tempo histórico necessariamente de longa duração. Em seu livro *Formação econômica do Brasil*, ele percorre todo o período histórico do Brasil: da expansão comercial do século XVI até a primeira metade do século XX, oferecendo uma visão geral da formação econômica brasileira, como anuncia na introdução. Enquanto estudo de longa duração – toda a história econômica do Brasil em apenas 250 páginas – Furtado oferece uma síntese. Isso não se constitui em um demérito, pois seu objetivo delimitado foi alcançado: o de demonstrar as estruturas, sobretudo econômicas, da condição do subdesenvolvimento brasileiro.

O método comparativo e o enfoque de longa duração permitiram-lhe comprovar a relação desenvolvimento/subdesenvolvimento não por etapas distintas, mas como aspectos de um mesmo processo histórico. O subdesenvolvimento alimenta o desenvolvimento no sistema capitalista, mantendo a relação centro/periferia ao longo do tempo.

A posição periférica do Brasil no cenário internacional é demonstrada no processo histórico. Um bom exemplo dessa forma de abordagem encontra-se no capítulo VII, “Encerramento da etapa colonial”, no qual Furtado analisa a independência política brasileira como parte do mesmo processo de permanência da condição de subordinação.

A forma peculiar como se processou a independência da América portuguesa teve conseqüências fundamentais no seu subsequente desenvolvimento. Transferindo-se o governo português para o Brasil sob a proteção inglesa e operando-se a independência sem descontinuidade na chefia do governo, os privilégios econômicos de que se beneficiava a Inglaterra em Portugal transferiram-se automaticamente para o Brasil independente. Com efeito, se bem haja conseguido separar-se de Portugal em 1822, o Brasil necessitou vários decênios mais para eliminar a tutela que, graças a sólidos acordos internacionais, mantinha sobre ele a Inglaterra. (FURTADO, 1997, p. 36).

É exatamente assim que Furtado utiliza a história: busca elementos de permanência para explicar a condição de dependência histórica do Brasil. Esclarecendo o binômio independência/dependência e em decorrência disso o subdesenvolvimento, pelo prisma da história econômica, Furtado passa a propor a solução desta situação. Segundo ele, tal tarefa seria delongada e exigiria um grande esforço de toda a nação. A principal meta a ser alcançada é o desenvolvimento industrial. Para isso faz-se necessária a ampliação do mercado interno, que decorre fundamentalmente da superação das grandes diferenças regionais. É esta então a primeira etapa a ser cumprida no processo de conquista da independência econômica nacional.

O processo de integração econômica dos próximos decênios, se por um lado exigirá a ruptura de formas arcaicas de aproveitamento de recursos em certas regiões, por outro requererá uma visão de conjunto do aproveitamento de recursos e fatores no país. A oferta crescente de alimentos nas zonas urbanas, exigida pela industrialização, a incorporação de novas terras e os traslados inter-regionais de mão-de-obra, são aspectos de um mesmo problema de redistribuição geográfica de fatores. Na medida em que avance essa redistribuição, a incorporação de novas terras e recursos naturais permitirá um aproveitamento mais racional da mão-de-obra

disponível no país, mediante menores inversões de capital por unidade de produto. Demais, as inversões de capital na infra-estrutura poderão ser melhor aproveitadas, em razão da menor dispersão de recursos. É de supor que, caso progreda essa integração, a taxa média de crescimento da economia tenderá a elevar-se. (FURTADO, 1997, p. 242).

Eis aqui a conclusão do livro *Formação econômica do Brasil* e que muito bem poderia ser o “programa” da SUDENE<sup>7</sup>, criada no mesmo ano em que Furtado publicou esse livro.

O conjunto da obra de Celso Furtado reflete a junção do intelectual e do homem público. Seus estudos pautaram-se por uma contextualização histórica para subsidiar intervenções práticas na esfera política visando à superação das *estruturas arcaicas* que subordinavam o desenvolvimento nacional e perpetuavam o país na condição de subdesenvolvido.

É importante reafirmar, ao final deste breve percurso historiográfico, que Celso Furtado, na obra *Formação econômica do Brasil*, não faz um livro de história no sentido específico do termo. Ele realiza uma leitura da história econômica do Brasil, utilizando alguns autores para encontrar argumentos de sua tese central: o subdesenvolvimento nacional foi edificado historicamente e pode ser ultrapassado. O conhecimento histórico lhe permite “captar as inter-relações e as cadeias de causalidade que constituem a urdidura dos processos econômicos” (FURTADO, 1997, p. 1), como ele propusera na apresentação do livro. E foi exatamente isso o que ele fez.

Por outro lado é preciso lembrar que a consciência histórica de Celso Furtado fica prejudicada pela escolha dos autores que fez; por isso observa-se, como foi exposto, um descompasso entre a qualidade da análise econômica e a social nesta obra. Sua própria concepção de história, permeada pelo positivismo e pela sociologia funcionalista, lhe impõe uma

---

<sup>7</sup> A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste foi criada originalmente em 1959, o órgão foi idealizado no governo do Presidente Juscelino Kubitschek, tendo à frente o economista Celso Furtado, como parte do programa desenvolvimentista então adotado. Seu principal objetivo era encontrar soluções que permitissem a progressiva diminuição das desigualdades verificadas entre as regiões geo-econômicas do Brasil. Para tal fim, foram engendradas ações de grande impacto, tais como a colonização do Maranhão, projetos de irrigação, cultivo de plantas resistentes às secas, e outras. O órgão federal foi extinto em 2001.

visão de história tradicional, o que, no entanto, não o impede de avançar qualitativamente em suas análises econômicas.

A contribuição de Furtado foi exatamente ressaltar a importância do conhecimento histórico numa análise econômica. E isso ele fez com propriedade, de tal maneira que sua obra é identificada como sendo de história econômica. O grande avanço consiste no fato de ele ter demonstrado o subdesenvolvimento não como uma etapa da formação capitalista e sim como uma face desse processo, que tende a perpetuar-se se a vontade política não promover a sua superação.

Essa tese furtadiana tem validade até hoje. As desigualdades sociais nacionais e a dependência econômica externa são geradas ao longo da formação do capitalismo e isso é observável somente no processo histórico. É relevante um economista buscar na história os argumentos para fundamentar seus estudos e análises. Por isso, sem sombra de dúvidas, a principal contribuição de Celso Furtado, na obra *Formação econômica do Brasil*, é a ênfase na história como elemento explicativo da realidade. Mesmo sendo questionáveis alguns aspectos em sua abordagem histórica, somente a visão global sobre o processo histórico brasileiro pôde conferir a Celso Furtado a compreensão ampla da formação econômica nacional.

## REFERÊNCIAS

BIELSCHOWSKY, R. Formação econômica do Brasil: uma obra-prima do estruturalismo cepalino. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 9, n. 4, out./dez 1989.

DOSSE, F. *História de estruturalismo: o campo do signo 1945/1966*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora UNICAMP, 1993. v. 1.

FURTADO, C. *Brasil: a construção interrompida*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Formação econômica do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1997.

\_\_\_\_\_. *O capitalismo global*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SZMRECSÁNYI, T. Sobre a formação da Formação econômica do Brasil de C. Furtado. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 13, n. 37, p.207-214, 1999.

\_\_\_\_\_. Celso Furtado. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 15, n. 43, p.347-362, 2001.

